



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

*Conflitos interpessoais em sala de aula:
o que fazem os professores?*

AUTORA: Helena Barroso Da Silva

ORIENTADORA: Juliana Eugênia Caixeta

Planaltina - DF

Junho/ 2016



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

*Conflitos interpessoais em sala de aula:
o que fazem os professores?*

AUTORA: *Helena Barroso Da Silva*

ORIENTADORA: *Juliana Eugênia Caixeta*

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora,
como exigência parcial para a obtenção
de título de Licenciada do Curso de
Licenciatura em Ciências Naturais, da
Faculdade UnB Planaltina, sob a
orientação do Prof^a. Juliana Eugênia
Caixeta.*

Planaltina - DF

Junho/ 2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que tão carinhosamente olha os meus pedidos e me permite realizá-los; a minha família e amigos, tias, pais, irmãos, amigos de faculdade e professores, que acreditaram e me ajudaram nessa grande realização e a uma pessoa amada, que quando não estive comigo, estava em meus pensamentos.

A todos vocês, eu dedico esse trabalho como uma prova de amor e gratidão por todos os momentos bons e ruins que me tornaram quem eu sou hoje, muito obrigada!

Resumo:

Os conflitos são inerentes às relações humanas. Na escola, os conflitos são momentos que oportunizam tanto para o professor quanto para o aluno, oportunidades de aprendizagem sobre moralidade. Este trabalho teve como objetivo identificar como professores resolvem situações de conflitos interpessoais em sala de aula, por meio de situações problemas em meio audiovisual. Os dados foram construídos por meio de uma entrevista semiestruturada realizada, individualmente, por cinco professores de diferentes áreas, tempo de atuação e tipo de escola. Para a análise, foi utilizada a análise temática dialógica. Os resultados mostraram que os professores resolvem os conflitos, mas não de maneira a valorizar o desenvolvimento de um ambiente sociomoral cooperativo.

PALAVRAS CHAVES: desenvolvimento moral, conflitos interpessoais, sala de aula e resolução de conflitos.

ABSTRACT

Conflicts are inherent in human relations. At school, conflicts are moments that nurture both the teacher and the student, learning opportunities about morality. This study aimed to identify how teachers resolve situations of interpersonal conflict in the classroom, through problem situations in audiovisual media. Data were constructed by means of a semistructured interview, individually with five different areas teacher, time of workexperience time. For the analysis, dialogical thematic analysis was used. The results show that teachers resolve conflicts, but not in order to enhance the development of a cooperative sociomoral environment.

KEYWORDS: moral development, interpersonal conflicts, classroom and conflict solution.

1. INTRODUÇÃO

Uma importante dificuldade relacionada à atuação dos profissionais da educação se refere à lidar com os conflitos interpessoais em sala de aula (VINHA, 2003; VIDIGAL; OLIVEIRA, 2013). Isso se deve a vários fatores como: a concepção de que os conflitos são ruins e estressantes para as relações em sala de aula, à dificuldade de os professores intervirem ou agirem diante dos conflitos; à formação moral dos alunos e professores, à ausência de formação docente específica para cursos de licenciatura, para que preparem o profissional para situações e resoluções de conflitos (VINHA, 2004) e, também, às regras e normas das próprias instituições educacionais.

Este trabalho busca investigar a maneira como professores resolvem situações de conflitos interpessoais na sala de aula, por meio de situações problemas usando o recurso audiovisual de situações do cotidiano do professor. A relevância desta pesquisa é, além de identificar a forma de resolução dos conflitos por parte dos professores evidencia a necessidade de investir, refletir e acreditar cada vez mais no processo de formação de professores ainda na graduação .

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Moralidade e sala de aula

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL,1997) orientam que a proposta da educação se relaciona ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos. Para tanto, a educação superior brasileira, no processo de formação de professores precisa, segundo Caixeta, Santos e Sousa (2015), garantir contextos de formação pessoal e profissional, intencionalmente organizados, que visem ao desenvolvimento de competências técnicas, teóricas, políticas, relacionais, éticas e morais que possibilitem a atuação docente com vistas ao atendimento da diversidade em sala de aula, o que inclui, a convivência com conflitos.

Para Vinha (2003), os conflitos interpessoais são momentos privilegiados para o desenvolvimento integral dos alunos, porque geram possibilidades de intervenção

vinculadas à problematização de situações concretas, vividas em sala de aula, e, também, à busca de soluções num ambiente de solidariedade, justiça e respeito. ”Na realidade, não é apenas um ou outro fator isolado (família, traços de personalidade, escola, amigos, meios de comunicação etc.), mas o conjunto deles que contribui nesse processo de construção de valores morais” (VINHA; TOGNETTA, 2009, p.527).

Mas, para que isto ocorra, é preciso que os professores compreendam o conflito como um fenômeno inerente às interações humanas. Como explica Piaget (1932/1977), interagir com o outro é preciso e, em tais interações, conflitos poderão surgir, sendo um momento que oportuniza um espaço de equilíbrio ou autorregulação, caso seja mediado com sucesso.

Frequentemente, os conflitos em sala de aula são vistos como algo ruim e há um esforço de evitar, prevenir e contê-los o mais rápido possível. Podemos observar tais estratégias de esquivar-se de conflitos, quando o professor evita enfrentar a bagunça, as brigas ou os furtos, por meio do diálogo. Nesses contextos, as situações de atrito e desrespeito são compreendidas como situações-problemas que apenas atrapalham a disciplina da sala de aula e da escola. Uma proposta comum é preencher todo o tempo das crianças e adolescentes com atividades, deveres, coisas para copiar, atividades para casa orientadas para que não ocorram comportamentos indisciplinados (AQUINO, 1998; VINHA; TOGNETTA, 2009).

As normas da escola intervêm nos conflitos rapidamente, não se preocupando com os tipos de valores que devem ser aprendidos, muitas vezes, até compartilhando valores contrários aos previstos no Projeto Político Pedagógico. Em alguns casos, o aluno pode até ser disciplinado, aos olhos do professor, dando uma falsa certeza de que o aluno é moral, mas o próprio aluno pode obedecer as normas e regras por muitos fatores, como, por exemplo: o medo da punição, a perda do amor de quem dita a regra, a vergonha. “De fato, a moral requer disciplina, porém nem toda disciplina é moral”, afirma La Taille (1996, p.19). Uma consequência comum quando as crianças obedecem as regras e não sabem porque elas as obedecem, é que, em um determinado momento de suas vidas, decidem que chegou a hora de tomar suas próprias decisões e que já não cabe mais agradar os pais e professores. Nesses momentos, podem tomar decisões que não são adequadas, considerando todos os personagens ou contextos envolvidos na situação-problema.

A pressa da escola ou do professor faz com que a criança ou o adolescente não compreenda a importância do valor de suas ações, pois é aplicado o mecanismo de controle que evita e soluciona conflitos, por exemplo: o aluno mente, em uma determinada situação, e o que se diz a ele é que mentir é feio e que o nariz dele vai crescer e ficar que nem o do “Pinóquio” (VINHA, 2000, p.19); enquanto que, na verdade, a criança deverá entender que a mentira quebra um elo de confiança entre as pessoas, ou seja, que a mentira tem consequências negativas para as relações interpessoais. Outro exemplo de conflito em sala de aula são atos de pequenos furtos que servem para mediar, com o aluno, a noção de que não se pode pegar o que não lhe pertence, sem autorização. Nesse momento, por exemplo, é útil trabalhar também o significado do emprestar (VINHA, 2004), compartilhar e cooperar.

Retornando à ideia de que o valor moral de uma ação não está em obedecer as normas, mas sim em entender o porquê elas são obedecidas (PIAGET, 1932/1977), surge a importância do processo de como ensinar o aluno a pensar sobre suas ações, para que, ao longo de sua vida, ele possa tomar decisões, não por simplesmente obedecer as regras, mas para ter discernimento do que é possível fazer e o que ele deseja fazer em um determinado contexto potencializando o desenvolvimento da perspicácia ética ao atualizar, no ato, as normas e prescrições morais

O ensino, numa perspectiva construtivista, compreende o conflito como fenômeno social, inerente à convivência humana e sempre estará presente na escola e nas relações em geral e que nem sempre poderão ser resolvidos. A partir desta concepção, todas as partes envolvidas no conflito, o professor e o aluno ou grupos de alunos, são convidados a refletirem juntos sobre solução adequada. Se o professor transfere o problema, ele tira a oportunidade dele e das crianças ou adolescentes a pensarem, juntos, sobre seus próprios conflitos e aprender com eles.

2.2. Conflitos e suas resoluções

O termo conflito é normalmente usado para caracterizar forças contrárias ou divergentes; pode ser intrapessoal, interno do ser, ou interpessoal, com mais de um protagonista (VICENTIM, 2009). Segundo Leme (2004) e Vicentim (2009) existem três tipos de resolução de conflitos interpessoais não usando violência. São eles: agressivo, assertivo e submisso:

1. **Agressivo** caracterizado pelo enfrentamento do conflito, apelando pelas formas de coerção e pode ser caracterizado ainda em dois tipos:

1. agressão instrumental: é aquela que o objetivo é só obter recompensa sem causar dano ao outro.
2. agressão hostil: é aquela que o objetivo é causar prejuízo e dano ao outro.

2. **Assertivo**: caracterizado pelo enfrentamento do conflito levando em conta o sentimento e direito dos envolvidos, como: elogiar, concordar com atitudes e opiniões (esse mais parecido com o pensamento construtivista). Essa ainda é subdividido em cinco subcategorias:

1. Assertivo básica: quando as pessoas afirmam seus direitos pessoais, crenças e opiniões.
2. Asserção empática: ocorre quando a pessoa, antes de colocar sua afirmação, coloca o sentimento do outro.
3. Asserção crescente: ocorre quando a pessoa busca inicialmente resposta assertiva mínima e vai aumentando o grau se as anteriores não funcionarem.
4. Asserção de confronto: ocorre quando o outro se comportou diferente do que foi prometido.
5. Asserção do uso: normalmente quando se usa eu ou nós para descrever o próprio comportamento.

3. **Submissão**: caracterizado pelo não enfrentamento de uma situação, por meio da fuga ou da esQUIVA. Esse tipo de resolução de conflito privilegia o outro em detrimento de si mesmo, muitas vezes justificando que não se expressar não lhe causa qualquer dano.

A resolução de conflito de maneira satisfatória requer um trabalho cognitivo e afetivo em função da reciprocidade. Sabendo desse papel, o educador pode utilizar estratégias indiretas, que não ocorrem no momento do conflito, entendendo que trabalhar a resolução do conflito é um processo diário que requer situações cotidianas e usando recursos como filmes e desenhos animados (TARDELI, 2010), histórias fictícias ou jogos que trabalhem o reconhecimento de sentimentos (TOGNETTA, 2007; 2009) e

possibilitar a prática de assembléias para reflexões (ARAÚJO, 2004; TOGNETTA; VINHA, 2009) acerca de conceitos de valor e moral com alunos.

O educador pode usar, também, estratégias diretas e básicas em relação aos conflitos (DEVRIES; ZAN, 1998 apud VINHA, 2003 p.75-76) como por exemplo:

1. Oferecer oportunidades para que trabalhem sentimentos e conflitos.
2. Compreender o papel dos conflitos como oportunidades de aprendizagem dos sujeitos.
3. Procurar não intervir ou tomar atitudes de improviso.
4. Cuidar da segurança física dos alunos, para que não sejam resolvidos por meio de agressões.
5. Ser direto e objetivo e, quando impor uma limitação ser firme e sem gritos.
6. Reconhecer e aceitar os sentimentos de todos envolvidos.
7. Ajudar o aluno a verbalizar e a escutar a opinião do outro.
8. Não subestimar a capacidade do aluno para resolver o conflito.
9. Elevar o valor do acordo mútuo.
10. Mediar a conscientização de suas responsabilidades em uma situação de conflito.
11. Deixar que o aluno vivencie as consequências de seus atos.
12. Oferecer a oportunidade para o aluno compreender e reparar seus atos.
13. Mediar a situação conflituosa de forma que o aluno possa restaurar o relacionamento.
14. Encorajar o aluno a sempre resolver seus próprios conflitos por si mesmo.
15. Ao perceber que ambas as crianças já se entenderam, resolveram o problema ou perderam o interesse em um conflito, abandone-o.

Algumas outras considerações que são importante e devem ser usadas pelo professor ou educador ao lidar com os conflitos entre os seus alunos no pensamento construtivista são, por exemplo:

1. Manter-se calmo e controlar suas reações.
2. Reconhecer que o conflito pertence à criança.
3. Acreditar na capacidade delas para solucionar (não é aceitar qualquer alternativa de resolução, lembrando que não é fazer pouco do conflito para o aluno como, por exemplo: o conflito é de vocês ou eu não tenho nada a ver com isso) (DEVRIES; ZAN, 1998 apud VINHA, 2003, p. 120).

A teorização relativa ao desenvolvimento moral, apresentada neste trabalho, no que diz respeito à resolução de conflitos, demonstra que é possível lidar com conflitos em sala de aula, de maneira construtiva, ou seja, compreendendo o conflito como uma situação-problema que possibilita a mediação de comportamentos sociais mais complexos, por oportunizar o comprometimento de todos envolvidos na situação para a sua resolução coletiva.

3. OBJETIVO

- ❖ Identificar como os professores lidam com os conflitos em sala de aula a partir de situações problemas.

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa foi a qualitativa, visto que esse tipo de pesquisa é muito utilizado na área de educação, pois possibilita investigar os motivos, as aspirações e os significados que, neste caso, os docentes dão aos conflitos (LUDKE; ANDRÉ, 2012). “Esse conjunto de fenômenos humanos é parte da realidade social, não só o agir, mas sim sua interpretação diante da realidade vivida” (MINAYO, 2011,p 21).

Como procedimento de construção de dados, foi usada, nesse trabalho, a metodologia da resolução de problemas, entendendo que, “para que uma determinada situação seja considerada um problema, deverá implicar em um processo de reflexão para que aponte um caminho de resolução onde os automatismos não permitam uma

solução imediata” (SOARES; PINTO, 2012); mas, sim, um processo reflexivo diante da indagação.

4.1. Participantes

Este estudo foi realizado com cinco professores que atuam em diferentes áreas do ensino.

- ✓ Professora A: pedagoga, trabalha em escola particular. É professora há 6 anos.
- ✓ Professora B: bióloga, ministra aulas de ciências, em escola pública. É professora há 18 anos.
- ✓ Professor C: ministra aulas de ciências, no projeto interdisciplinar em escola pública. É professor há 2 anos.
- ✓ Professora D: pedagoga, trabalha em escola particular. É professora há 4 anos.
- ✓ Professora E: pedagoga, trabalha em escola conveniada. É professora há 3 anos.

3.2. Materiais

Foram utilizados 3 vídeos, disponíveis na internet:

Vídeo 1: Danificação do Patrimônio

https://www.youtube.com/watch?v=7l_CMH8XqTQ.

Vídeo 2: Briga de alunos em sala de aula

https://www.youtube.com/watch?v=k_cQ576Vf7U.

Vídeo 3: Discussão professora-aluna em faculdade

<https://www.youtube.com/watch?v=QWJ4vef9Nrs>.

Os vídeos foram escolhidos tendo em vista casos de conflitos apresentados na tese de doutorado de Vinha (2003). A seguir, apresentamos os casos que inspiraram a escolha, acompanhados da solução deles, na perspectiva construtivista, considerando a construção de um ambiente sociomoral cooperativo.

- **Caso 1 inspirou a escolha do vídeo 1**

Nesse exemplo a criança está zangada e fora de controle. Nessas horas, é importante reagir com racionalidade por mais que seja difícil, mas é importante ter claro que o papel do educador é auxiliar essa criança a controlar suas reações e não contribuir para o descontrole, tentar conversar, discutir, ou ter reações alteradas nada vai adiantar. O ideal é procurar métodos não-verbais como colocar o braço em volta da cintura da criança ou passar a mão sobre a mão dela, o que ajuda a tranquilizá-la. Se necessário, empregar uma linguagem firme nessa hora dizendo, por exemplo: “Vamos tratar disso quando você estiver mais calmo? Por ora, é melhor não insistir nisso. Quando você estiver em condições de conversar de uma forma que possamos entender, falamos sobre isso (VINHA, 2003, p.94).

- **Caso 2 inspirou a escolha do vídeo 2**

“As crianças estão convivendo e, de repente acontece uma briga. Se o professor finge que não vê, ele está passando uma mensagem de que, nessa escola, a agressão é permitida. Ao contrário, se a briga é encerrada por um adulto e os dois são colocados de castigo, a mensagem é de que os adultos têm mais autoridade, e quando vocês tiverem um problema têm de procurar um adulto. O melhor seria interferir para revalidar a regra e deixar claro: “aqui nesta escola, as pessoas não devem se agredir. Vamos ver o que está acontecendo e uma maneira de resolver isso sem agressão. O conflito pertence a as duas crianças a alternativa é pedir que eles se separem até que se sintam mais calmas, podendo escutar e falar. E somente depois resolver o conflito ,ao invés de punir ou procurar culpados, apresentar os próprios sentimentos reais com relação as atitudes das crianças. E deixar que eles verbalizem também e que procurem alternativas sem agressão (VINHA, 1996 p.20).

- **Caso 3 inspirou a escolha do vídeo 3**

Os conflitos envolvendo os próprios professores e os alunos também são válidos. Por muitas vezes, as relações estão tensas e difíceis que se faz necessário a intervenção de outro profissional geralmente coordenador ou orientador, que irá desempenhar o papel de mediador ouvindo separadamente o aluno trabalhando seus sentimentos e fazendo o mesmo com o professor. E posteriormente quando ambas tiverem calmas realizar entre os envolvidos com o auxílio do mediador para a busca de soluções para o conflito. É importante que o educador também pense em suas ações, reflita porque todos podem estar suscetíveis ao erro (VINHA, 2003, p.111).

3.3. Instrumento

O roteiro de entrevista continha uma única pergunta: *O que você faria se essa situação estivesse acontecendo na sua sala de aula?*

Esta pergunta foi elaborada tendo em vista o objetivo da pesquisa.

3.3. Procedimentos para construção de dados

Inicialmente foi feito um contato individual com os cinco professores, por meio de convites por celular ou pessoalmente. A partir desse contato, foi proposto a cada professor que participasse de forma individual de uma entrevista com situações problemas, apresentados por meio de vídeos que retratam conflitos de situações reais e polêmicas em sala de aula, encontrados na internet. Neste contato, caso o/a professor/a aceitasse, era marcada um dia e horário para a entrevista.

Nenhum/a professor/a convidado/a se negou a participar da entrevista. Por isto, no dia e horário combinados, a pesquisadora apresentava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ver anexo 1), para assinatura. No TCLE, continha o objetivo da pesquisa bem como os procedimentos de construção de dados, a garantia do direito de sigilo e de desistência a qualquer tempo e, também, o caráter voluntário da participação na pesquisa.

Com a assinatura do TCLE, cada professor/a assistiu a um vídeo de cada vez. Após a exibição, a pesquisadora fazia a pergunta do roteiro de entrevista.

As falas dos professores foram gravadas, com autorização deles.

3.4. Procedimentos para análise dos dados

As entrevistas foram analisadas por meio da utilização da análise temática dialógica (FÁVERO; MELLO, 1997), considerando as três possibilidades de compreensão de resolução de conflitos apresentadas por Leme (2004) e Vicentim (2009):

- **Agressivo:** caracterizado pelo enfrentamento do conflito, apelando para as formas de coerção, intimidação, ameaça ou autoridade.
- **Assertivo:** caracterizado também pelo enfrentamento do conflito e levando em conta os sentimentos e direito dos envolvidos, porém além de pensamentos positivos como: elogiar, concordar com atitudes e opiniões (esse é próximo do pensamento construtivista).
- **Submissa:** caracterizado pelo não enfrentamento de uma situação, por meio da fuga ou da esquivia.

Nessa forma de análise, foram retiradas as falas dos participantes, que resultaram em afirmações, que, depois, geraram interpretações que viraram repetições nesse trabalho. Como a questão problema é aberta, os participantes tiveram a possibilidade de se expressarem da forma como achassem melhor, mas, para organizar as respostas, foram elencadas as atitudes que apareceram com mais frequência em suas falas.

A tabela 1 exemplifica a tabela utilizada para o processo de análise de dados.

Falas do professor A....B....		
1º vídeo	2º vídeo	3º vídeo
Falas puras para a resolução do conflito.	Falas puras para a resolução do conflito.	Falas puras para a resolução do conflito.
Classificação	Classificação	Classificação

Tabela 1: Demonstra como serão analisado os dados

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão apresentados, considerando as narrativas construídas por cada professor/a para cada vídeo e as três tendências de resolução de conflitos apresentadas por Leme (2004) e Vicentim (2009).

5.1. Professora A

A professora A apresenta tendências de resolução de conflitos que podem ser qualificados como assertivos e agressivos, como mostra a tabela 2. Isto implica afirmar que ela resolve o conflito, levando em consideração o contexto. No contexto da faculdade, a resolução segundo a fala da professora A é o autoritarismo. Talvez, por se tratar de pessoas adultas envolvidas na discussão. No entanto, no contexto da escola, em que crianças estão envolvidas, a professora demonstra o interesse pela contenção física da criança envolvida e pelo diálogo; mas, mesmo nestas situações, como última resolução do conflito está o encaminhamento da criança para alguém. No caso do vídeo 1, a professora chamaria a família para identificar possíveis problemas, o que demonstra uma característica de empatia; já no vídeo 2, a professora, além da família, chamaria a direção da escola. Esta atitude não parece favorável à ideia da construção de um ambiente educacional sociomoral, ou seja, em que o diálogo dos participante prevalece em relação à resolução por autoridade (VINHA, 2003).

Professora A		
1º vídeo	2º vídeo	3º vídeo
“Pegaria a criança, sentaria ela e conversaria com ela sobre essa atitude que ela está fazendo; depois, chamaria os pais e os responsáveis. Tentar descobrir o motivo do porque está acontecendo isso”.	“Acho que atitude de qualquer ser humano é tentar separar! Teria que levar à direção e conversar com os responsáveis, com os dois também já que são maiores. Tentar resolver essa situação e não, não fazer nada.”	“Essa é uma sala de faculdade! Esse caso aí não tem o que discutir: a professora é autoridade e pronto! Se ela quer ficar debatendo, falando, a aluna, é perda de tempo! Você, como profissional, você tem que dá sua aula; aí, depois resolve em

		particular.”
--	--	--------------

Tabela 2: Trechos de Narrativas da professora A.

5.2. Professora B

A professora B narra que teria ações mais próximas à tendência de submissão, que caracteriza fuga ou esquiva do conflito (LEME, 2004; VICENTIM, 2009) (ver tabela 3). No entanto, esta caracterização não é tão clara, porque a professora, ao menos, expressa que tentaria conter fisicamente a criança, no caso do vídeo 1; e jogaria água, no caso do vídeo 2, como tentativa de separar os alunos. No entanto, no caso do vídeo 2, a preocupação maior da professora é a integridade física dela mesma. De toda forma, em ambos os casos, a professora aguardaria a chegada de uma terceira pessoa que, com autoridade, resolveria a situação conflituosa definitivamente.

No vídeo 3, a professora B também se esquia de resolver o conflito; mais descrevendo a situação conflituosa que apontando uma solução para ela. Na narrativa, a professora parece indicar que continuaria a dar aula.

De toda sorte, considerando as três resoluções elaboradas pela professora B, é possível compreender que ela tende a se omitir da responsabilidade de resolver todo o processo de conflito na sala de aula. Esta prática é muito comum em sala de aula, segundo Aquino (1998), Vinha (2003), Araújo (2004) e Tognetta e Vinha (2009).

Professora B		
1º vídeo	2º vídeo	3º vídeo
“Eu... eu imagino que eu iria segurar ele. Segurar mesmo! Conter ele! Até a chegada dos pais. Seria isso: eu iria ter cuidado pra não machucá-lo e iria esperar a chegada dos responsáveis”.	“Nessa situação, eu acho que eu jogaria uma água; mais, entrar no meio, eu não iria entrar. Jamais! Até que chegasse alguém. Eu iria tentar que eles dessem uma trégua, parassem de se bater, mais eu não iria entrar no meio”.	“Nessa situação, eu ... eu acho até difícil eu mencionar. Discutir com o aluno é uma atitude que eu não me vejo fazendo, mas se tratando da questão em discussão, que é o atraso, eu acho que o importante é a aluna ter chegado na aula.

		Melhor ela ter chegado na aula, do que ela não ter assistido a aula e essa situação é de estresse extremo. Acho que ambas estão agindo sem racionalidade e a professora em vez de estar aproveitando o tempo pra contribuir e construir a aula”.
--	--	--

Tabela 3: Trechos de Narrativas da professora B.

5.3. Professor C

O professor C apresenta a mesma tendência, com estratégias diferentes, para a resolução de conflitos (ver tabela 4). Nos casos dos vídeos 1 e 2, o professor conteria os alunos. No primeiro vídeo, o professor encaminharia a resolução para a chegada de responsáveis, que, provavelmente, seriam autoridades em relação à criança. No segundo, por sua vez, o foco da resolução está na separação dos alunos, apenas. O professor não aponta ação relacionada ao diálogo, com o debate sobre as regras não negociáveis como a de boa convivência (AQUINO, 1998; VINHA, 2003).

Dessa maneira, a forma de resolver o conflito é se esquivando dele. Já no caso do vídeo 3, o professor demonstra dúvidas sobre qual é o conflito, mas aponta o diálogo como uma solução; mas um diálogo privativo, caso ele, professor estivesse errado; mas, aberto, se ele estivesse correto. Tais estratégias nos parecem intrigantes, porque demonstra que professores, que são autoridade, podem resolver problemas diferentes dos alunos, que são os subordinados. Dessa forma, o diálogo não parece indicar que o professor C queria a construção de um ambiente sociomoral baseado no construtivismo, ou seja, em um ambiente cooperativo (VINHA, 2003). Novamente, ele parece desejar se livrar da situação de conflito.

Professor C		
1º vídeo	2º vídeo	3º vídeo
“Seria a melhor opção segurá-lo e chamar os responsáveis ou até mesmo algum parente mais próximo”.	“Bem, o que eu faria, na verdade, eu iria tentar separar a briga. Evidentemente, até mesmo para evitar que eles se machucassem. Possivelmente, chamaria ajuda de algum colega pra tentar separar os alunos. Eu acho essa seria a melhor escolha a se fazer em virtude deles serem tão pequenos. Acho que daria pra separar numa boa e chamaria a ajuda também de algum colega separar é a melhor opção é era isso que eu iria fazer”	“Então, o que acontece na situação proposta.. acredito que fica difícil de identificar quem tá certo ou quem está errado. Eu acredito que ela perdeu a cabeça quando ela começa a discutir com a aluna. Ela deveria ter tido calma e tentado ter conversado de maneira separada com a aluna, que ela teve esse problema. Ela abriu espaço pros demais alunos. Se eu estivesse errado, eu não estenderia essa conversa; mais se eu tivesse certo, provavelmente deveria ter uma conversa mais aberta com todo mundo.”

Tabela 4: Trechos de Narrativas do professor C.

5.4. Professora D

Como mostra a tabela 5, a professora D apresenta, na sua maioria, atitudes assertivas de resolução de conflitos. No entanto, o significado do diálogo, na narrativa da professora D, apresenta diferenças. Por exemplo, no vídeo 1, o diálogo não é compreendido como uma atitude de resolução de conflito. Na narrativa, ela diz: “eu não faria nada (...), porém ia conversando com ele” (ver tabela 5). Contrapondo-se ao significado dos diálogos com a família, no vídeo 2, onde ela o usaria para investigar as causas da agressão. O diálogo com os pais demonstra, ainda, a necessidade da professora de, para resolver o conflito, necessitar de elementos externos àqueles de sala de aula.

No caso do vídeo 3, a professora utiliza o diálogo para a construção de uma relação sociomoral cooperativa (VINHA, 2003), haja vista que, nele, ela prevê a reflexão da atitude dela mesma, como professora, e, também, da aluna. Admite a possibilidade de ter errado. A atitude da professora D parece ser a mais próxima da prevista pela tendência assertividade, sistematizada por Leme (2004) e Vicentim (2009).

Professora D		
1º vídeo	2º vídeo	3º vídeo
“Eu não faria nada, deixaria ele à vontade fazer o que ele queria, porém ia conversando com ele, pedindo pra ele não ter esse tipo de atitude ... Pra vê se ele iria acalmando.”	“Chama uma pessoa pra separar a briga, isolar os dois meninos um do outro. Chama a família pra conversar, para vê o que está acontecendo, vê o que que tem por traz disso”	“Chamaria a aluna pra fora da sala, pra ter uma conversa descende... pra vê o que está acontecendo, ou então, até pensar um pouco, refletir se realmente a atitude que eu estou tendo está correta, sobre a atitude do aluno e, no outro dia, chamar pra conversar, porque no meio da turma vira uma bagunça”

Tabela 5: Trechos de Narrativas da professora B.

5.5. Professora E

A professora E apresentou, como solução imediata, para os conflitos demonstrados nos vídeos 1 e 2, a contenção física. No entanto, ela não dá encaminhamento da solução para o caso do vídeo 1 e, no caso do vídeo 2, ela transfere a solução para a direção (ver tabela 6).

No vídeo 3, que é um contexto de adultos, de educação superior, a professora narra que não haveria conflito, porque norma é para ser respeitada.

Dessa forma, compreendemos que a professora E opta por soluções de conflito mais próximas à tendência submissa, que não prevê o diálogo e nem o enfrentamento complexo do problema apresentado (LEME, 2004; VICENTIM, 2009).

Professora E		
1º vídeo	2º vídeo	3º vídeo
<p>“Seguraria a criança, ela poderia espernear só que eu até poderia a deixar espernear só que eu não deixaria quebrar os moveis da sala e muito menos machucar as coleguinhas, né. Eu seguraria a criança e se for o caso colocaria até debaixo do chuveiro com água fria pra que ela viesse a se acalmar e eu não falaria nada porque, às vezes, a criança, nessa situação, e ela acaba se irritando cada vez mais, porque nesse momento aí a criança quer extravasar. Eu deixaria extravasar se for o caso, só que ela não iria quebrar nada em sala de aula. Se fizesse comigo, eu daria um banho de água fria”.</p>	<p>“Primeiramente, eu pararia a aula, pra socorrer os dois porque estavam se esmurrando. Mas, eu não entraria na briga, mas eu particularmente iria chamar a diretora ou coordenadora ou vigilante ou quem seja pra poder separar e aí iriam pra direção pra tomar as decisões cabíveis.”</p>	<p>“Por ser faculdade, eu não ligaria. O professor tem que ter respeito com o aluno e o aluno com o professor. Tudo que existe na sociedade tem horário e horário é uma das normas, assim como a professora é cobrada o aluno também mas isso deve ser dito num tom agradável. “</p>

Tabela 6: Trechos de Narrativas da professora E.

5.7. À guisa de uma síntese

Como mostram as tabelas de 2 a 6, houve diferenças nas formas de lidar com as situações de conflito:

- De maneira geral, os professores resolveram os conflitos, mas não completamente, considerando a concepção teórica de um ambiente sociomoral cooperativo. Em geral, as soluções priorizaram a construção de ambientes coercitivos (VINHA, 2003).
- As soluções mudam se o contexto do conflito envolve crianças, na educação básica, ou adulto, na educação superior. Os professores tenderam a optar pelo diálogo, na educação superior.
- Todas as tendências de resolução de conflitos construídas por Leme (2004) e Vicentim (2009) foram identificadas nas narrativas dos professores. No entanto, as ações narradas, muitas vezes, demonstram o uso de mais de uma tendência na resolução do conflito, dificultando uma classificação determinante. Este aspecto pode ser positivo, porque pode indicar processos de desenvolvimento quanto à atuação docente dos professores participantes, ou pelo menos, espaços de aprendizagem que são possíveis de serem estimulados a partir da zona de desenvolvimento proximal dos professores (VIGOTSKY, 1984).
- Uma questão relevante é os professores associarem o fim do conflito a sua ação de contenção ou de interrupção dele, caracterizado, especialmente, pelo fato de o aluno ir para a direção ou ser acompanhado dos responsáveis. O fim do conflito, na maioria das narrativas do contexto da educação básica, foi quando eles entregaram os casos para alguém.
- Nenhum/a professor/a relacionou a moralidade ao conflito.

Por ser uma das preocupações e dificuldades relacionadas à atuação dos profissionais em educação, os conflitos são vistos como ruins e estressantes para as relações (AQUINO, 1998; VINHA, 2003). Podemos ressaltar isso na fala da professora B.

“Nessa situação eu... eu acho até difícil eu mencionar, discutir com o aluno é uma atitude que eu não me vejo fazendo, mas se tratando da questão em discussão que é o atraso eu acho que o importante é a aluna ter chegado na aula, melhor ela ter chegado na aula do que ela não ter assistido a aula e essa situação é de estresse extremo acho que

ambas estão agindo sem racionalidade e a professora em vez de estar aproveitando o tempo pra contribuir e construir a aula”.

Na sua pesquisa, Leme (2004) caracterizou que prevaleceu duas tendências assertivo e submisso nas resoluções de conflitos nas escolas Brasileiras, confirmando os estudos de Vinha (2004), e também essa pesquisa. Os professores, independente da formação acadêmica, tendem a resolver os conflitos de maneira rápida ou os transferem para outras pessoas da família ou da escola. Isso se nota na fala da professora E.

“mas eu não entraria na briga, mas eu particularmente iria chamar a diretora ou coordenadora ,ou vigilante ou quem seja pra poder separar e aí iriam pra direção pra tomar as decisões cabíveis.”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, os conflitos em sala de aula são uma das grandes preocupações dos professores. Em geral, por falta de formação, os professores os veem como ruins e negativos para as relações interpessoais em sala de aula. Neste sentido, os professores evitam ou solucionam o conflito rapidamente, como pudemos confirmar nesta pesquisa.

O fato de os professores terem proposto soluções diferentes se o conflito julgado era no nível básico ou na universidade; para crianças ou para adultos, parece indicar a necessidade de compreensão sobre a possibilidade que as crianças possuem de pensar e agir sobre as consequências dos conflitos, igualmente à possibilidade do adulto.

É preciso que todos os cursos de licenciatura abordem conceitos relacionados ao desenvolvimento moral e à resolução de conflitos interpessoais, para garantir que os profissionais da educação compreendam o papel fundamental que é a formação do desenvolvimento moral e o que é moralidade. Para tanto, é necessário que disciplinas vinculadas a desenvolvimento moral estejam presentes nos currículos dos cursos de graduação em licenciatura. Com isto, a expectativa é que os professores se capacitem de maneira a lidar com conflitos numa perspectiva construtivista com vistas à formação ética. Uma possível estratégia de mediação da disciplina pode ser a utilização de recurso audiovisual de situações reais e polêmicas que permitam a exploração do contexto do conflito bem como múltiplas estratégias de resolução.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, J. G. (1998). **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15/09/2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000200011>
- BRASIL.(1997) **Ministerio Da Educação. Secretaria De Educação Básica. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF)**,
- CAIXETA, J. E; SOUSA, M. A; VIVALDI, F. (2015). **Sobre moral, ética e projeto revolucionário Uma análise à luz da metodologia qualitativa da formação docente**. CIAIQ2015, v. 2, 2015.
- FÁVERO, M. H.; MELLO, R. M. (1997) **Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 13, 1, p. 131-136, 1997.
- LA TAILLE, Yves de.(1996) **A indisciplina e o sentimento de vergonha.Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 9-23, 1996.
- LEME, M. I. (2004). **Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 367-380.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a10v17n3> acesso:18/04/2016
- LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A.(2012) **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 2012 Disponível: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2237/1505> acessado em 24/05/2015
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al.(2011) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Vozes, 2013.Disponível http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf acesso em 17/04/2015
- PIAGET, Jean.(1932/1977) **O Julgamento Moral Na Criança**. São Paulo, Mestre Jou.(d.orig 1932) acesso:18/04/2015
- SOARES, M.T.S. PINTO,N.B.(2012) **Metodologia da Resolução de Problemas**. 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/matematica_artigos/artigo_soares_pinto.pdf acesso:18/04/2016
- VICENTIN, V.F (2009) **Condições de vida e estilo de resolução de conflito entre adolescente**.Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.2009.
- VIDIGAL, S. M. P.; OLIVEIRA, A. T. (2013)**Resolução de Conflitos na Escola: Um Desafio para o Educador**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 215-234, set./dez. 2013.Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2707>acesso: 09/05/2015

VINHA, T. P.(2004) **O Processo De Resolução Dos Conflitos Interpessoais Na Escola Autocrática e Democrática**; Disponível: <http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/view/7> acesso:09/052016

VINHA, T. P.(2003) **Os Conflitos Interpessoais Nas Relações Educativas**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Campinas, SP.

VINHA,T.P.(2009) **O educador e a moralidade infantil numa Visão Perspectiva construtivista**; Disponível: <http://www.cogeime.org.br/revista/cap0214.pdf> acesso em 30/05/2016

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P.(2009) **Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores**. *Revista Diálogo Educacional*, 9(28), 525-540, 2009 .Disponível <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=2831&dd99=view&dd98=pb> acesso em :06/06/2016

VIGOTSKY, L.S. (1984) **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Meu nome é Helena Barroso da Silva, sou aluna da Graduação de Ciências da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa com o tema: os conflitos interpessoais em sala de aula, que investiga a ação dos professores diante de conflitos entre alunos e alunos e professores, no contexto da sala de aula. A pesquisa tem orientação da professora Doutora Juliana Eugênia Caixeta. Os objetivos desse trabalho são: 1) Identificar como os professores resolvem conflitos a partir de situações problemáticas; 2) Comparar as estratégias utilizadas pelos professores de ciências para lidar com os conflitos interpessoais e 3) identificar as compreensões do que é conflitos para esses docentes.

Para isso, realizarei uma entrevista, após você ter assistido a um vídeo. Deixo claro que a participação na pesquisa é **voluntária e sigilosa**. A participação na pesquisa não apresenta riscos, pois sua identidade não será divulgada. Comprometo-me a utilizar nomes fictícios quando utilizar os resultados dentro do texto. Informo, também, que as entrevistas serão gravadas.

Estou à disposição caso você queira entrar em contato para esclarecimento de dúvidas, meu telefone é (61) xxxxxxxxx e meu e-mail é: helenabds@hotmail.com

Planaltina DF _____ de _____ de 2016

Helena Barroso da Silva
Faculdade UnB Planaltina

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu _____, DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSINTO a minha participação neste projeto de pesquisa, a realização das gravações (se necessárias) das entrevistas para fins de estudo, publicação em revistas científicas e/ou formação de professores.

Planaltina/DF, _____ de _____ de 2016.